

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

TERRA NA HISTÓRIA DE ISRAEL

"A terra ocupa, na Bíblia, um lugar de destaque, por vezes central. A libertação dos hebreus está ligada à posse da "terra que mana leite e mel" (Ex 3,8). Ao tratar da criação do homem, ele é situado como tirado da terra e o texto hebraico do Gênesis, com um trocadilho intraduzível, o declara parente dela. Deus deu ao homem a terra cultivável, com suas plantas e animais (cf. Gn 1,29; 2,18-20). O Gênesis nos apresenta a agricultura como fonte principal de trabalho e, portanto, de sustento fundamental da espécie humana (cf. 3,17-19). Um pomar é o lugar da graça e da amizade de Deus (cf. 2,8); a expulsão do Éden (cf. 3,23-24) e o banimento do solo fértil (cf. 4,11-14) é o claro símbolo de castigo e de desgraça".

"Entre todas as terras (e entre todos os conceitos de terra), uma torna-se rapidamente o ponto de destaque nas Escrituras: a terra de Canaã. Ela é prometida à descendência de Abraão (cf. Gn 12,7) como moradia e como boa terra agrária. Através das vicissitudes da história, guerras e alianças, carestias e prosperidades, invasão de nômades e fixação de desarraigados, a terra é dada enfim às tribos de Israel que em boa parte a conquistaram pacificamente, infiltrando-se nas regiões desocupadas. A partir deste momento, toda a história de Israel poder-se-ia resumir num refrão: *Foi o Senhor quem nos deu esta terra!*"

"É fundamental entender que a questão da terra na Bíblia se põe de modo diferente de hoje. Entre nós, ela é vista no contexto do capitalismo e portanto em nível de negócio. Terra é, principalmente, mercadoria: possui-se, compra-se e vende-se. Nos tempos bíblicos, sobretudo nos mais antigos, o contexto era outro. Em geral, a terra não era vista como mercadoria, sendo de uso tribal. As diversas tribos e famílias tinham a posse da terra, mas não a consideravam propriedade particular. Ela era herança da família: o direito de uso passava normalmente de geração em geração. Os poderosos não interferiam neste uso da terra pelos camponeses, mas exigiam tributos, cobrados sobre os frutos do trabalho dos camponeses. Não se apro-

priavam da terra, mas de parcela dos produtos dela retirados".

"A imposição do tributo detonou, ao longo de toda a história bíblica, uma série contínua de conflitos em torno dos frutos da terra e, assim, também em torno da terra. Neste sentido, a terra na Bíblia é terra disputada, terra de conflitos. A história do Povo de Deus, com relação à terra, nos fornece importantes elementos para enfrentarmos problemas semelhantes, que hoje nos angustiam". "O Povo de Deus na Bíblia formou-se em Canaã, numa situação específica. Existiam os estados cananeus dominando as áreas férteis e vários grupos que resistiam ao enquadramento no regime cananeu. Eram estes grupos que guardavam as tradições de Abraão, Isaac, Jacó e Moisés. Eram clãs e grupos que viviam à margem da terra fértil, que receberam a revelação de um Deus diferente dos outros deuses: um Deus que ouve o clamor dos oprimidos (cf. Ex 3) e que faz da posse da terra para estas tribos uma promessa, uma questão de fé e de mística".

"Houve um culto a Deus celebrado em Si-quém (cf. Js 24), cujo conteúdo foi a organização das tribos numa federação que tomou a forma de uma aliança entre as tribos com Deus. Esta união das tribos recebeu o nome de Israel e se fundamentou nas histórias e na experiência de Deus dos antepassados de cada tribo, todas ligadas à promessa e à posse da terra. As histórias que o povo contava sobre Abraão, Isaac e Jacó, sobre o Êxodo e o Sinai, como as demais tradições das tribos, tinham um eixo que parecia um refrão: *Foi o Senhor quem nos deu esta terra!*"

O Deuteronômio resume e tira as conclusões destas histórias: "Saibas portanto: não é por tua justiça que o Senhor teu Deus te concede possuir esta terra boa, pois és um povo de cabeça dura!" (Dt 9,6). "Portanto, não vás dizer no teu coração: "Foi minha força e o poder de minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas!" Lembra-te do Senhor teu Deus, pois é Ele quem te concede força para teres o que possuis". O Deuteronômio afirma, mais de 50 vezes, que a terra é um dom de Deus!"

IMAGEM
LIBERTADORA
DE PEQUENOS
E DE POBRES

1. O dr. Severo e d. Tânia voltaram da Missa calados e pensativos. São católicos, são alegres, são ricos, levam intensa vida social. Ele faz parte de todas as associações religiosas e de todas as sociedades. D. Tânia leva para casa os planos, as decisões, as iniciativas, as tarefas de todas as irmandades, pias, além de vários institutos de beneficência. E como não têm filhos, dedicam-se com entusiasmo a todas as atividades sociais ou religiosas. Agora a campanha do cobertor. Amanhã a campanha do quilo, etc.

2. E no entanto, voltaram hoje tristes da Igreja. Não tristes propriamente, mas pensativos, abalados, duvidosos de todo o bem que faziam. Tânia, o que é que você acha da Missa de hoje? da pregação? Eu acho, Severo, o mesmo que você está achando: o padre pregou bem, anunciou o Evangelho, sintetizou muito bem a doutrina de Jesus Cristo e a atuação da Igreja, dos cristãos no mundo de hoje. Tânia pára. Severo reflete um pouquinho para dizer afinal: Isso mesmo, entendemos bem. Os dois param. E dão-se as mãos.

3. E recordam algumas palavras de Jesus que o padre citou: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus". "Em verdade lhes digo: quem não receber o reino de Deus como uma criança, nele não entrará". "Em verdade lhes digo: o que vocês fizeram a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizeram". — E vão recordando, recordando... a samaritana... Madalena... a mulher adúltera... o rico avaro e o pobre Lázaro... a parábola do fariseu e do publicano... Param. Refletem. Tânia, temos de ser pobres... É, Severo, com a graça de Deus. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

PRECISAMOS INSISTIR

• A CF — precisamos insistir —, como missão profética da Igreja, tenta abalar as consciências pela exposição clara e provocante dos fatos que distorcem o plano de Deus e profanam a dignidade da pessoa humana. O material oferecido às nossas comunidades assume uma posição equilibrada, sensata, aceitável por todos. Mas suficientemente clara para nos impressionar e conscientizar do pecado, individual e social, reinante em nossa Pátria.

• Algumas dioceses, como por ex. Nova Iguaçu, e alguns movimentos eclesiais, como a Pastoral da Terra, aceitam o material oferecido a todo o Brasil pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mas acrescentam material próprio, às vezes mais forte e mais provocativo, de acordo com as circunstâncias particulares.

• A Diocese de Nova Iguaçu, como diocese de periferia, abriga centenas de milhares de pessoas originárias do campo. Vieram do campo martirizado, abandonado, para a cidade grande, na esperança de dias melhores. E a maioria conseguiu de fato realizar um pouco da esperança. Mas às custas de sua identidade. São e serão sempre agricultores, camponeses, "matutos", "tabaréus", "caipiras", profundamente enraizados na terra que não podem mais cultivar.

• Compreende-se por que o material didático da CNBB em circunstâncias concretas, em contacto com problemas concretos como sucede em muitos lugares, tem de assumir aspectos mais fortes, mais provocativos. Com escândalo de muita gente boa, que ainda não compreendeu a força da palavra, como (dentro

dos limites humanos) expressão da Palavra de Deus Encarnada — Jesus Cristo.

• Precisamos no entanto insistir que, de acordo com a missão profética, a denúncia dos males sempre e necessariamente é integrada pelo anúncio do Bem, da Verdade, da Justiça, da Fraternidade. Assim, longe de pregar a violência, longe de se preocupar com a conquista do poder, a CF quer alimentar nos corações a Esperança de melhores dias e a certeza de que nossos males sociais são capazes de correção.

• A justa distribuição de terra é necessária, é possível, é viável. Desde que se faça um consenso. É viável, sem violência, mas com meios pacíficos. Desde que as autoridades assumam a sua parte e encontrem no Povo, na Igreja, nos segmentos mais conscientizados da sociedade a correspondente colaboração e apoio. (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos da Missa da Campanha da Fraternidade/86.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Peregrinos do Reino dos Céus / para
o Pai elevemos as mãos / recebemos
a TERRA DE DEUS / partilhe-
mos a TERRA DE IRMÃOS!

1. No deserto Jesus foi tentado / a ser dono
de tudo e não quis / hoje é esse o grande
pecado / que nos faz este mundo infeliz.
2. Na montanha Ele se transfigura / mostra
a glória que veio nos dar / mas a nossa
ambição desfigura / tanto pobre sem terra
e sem lar!
3. Somos filhos do Deus que dá tudo / vida,
amor, terra, bens e perdão / mas exige de
nós sobretudo / convivência de irmão com
irmão.
4. Temos todos um pouco de crime / nin-
guém pode só pedra atirar / vendo a terra
que o sangue redime / e o egoísmo profa-
na, ao cercar.

2 SAUDAÇÃO

- S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito
Santo. **P. Amém!**
S. Irmãos, graça e paz sejam dadas a vocês
em abundância, por meio do conhecimento
de Deus e de Jesus Cristo nosso Senhor.
**P. Bendito seja Deus que nos reuniu no
amor de Cristo!**

3 ANTÍFONA

**P. Saudemos com hosanas / o Filho de Davi!
/ Bendito o que nos vem / em nome do
Senhor. / Jesus, Rei de Israel / hosana nas
alturas!**

4 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Meus irmãos, durante as cinco semanas da
quaresma, preparamos nossos corações pela
oração, pela penitência e pela caridade. Hoje
aqui nos reunimos e vamos iniciar, com toda
a Igreja, a celebração da Páscoa de nosso
Senhor. Para realizar o mistério de sua morte
e ressurreição, Cristo entrou em Jerusalém,
sua cidade. Celebrando com fé e piedade a
memória desta entrada, sigamos os passos de
nosso Salvador para que, associados pela gra-
ça à sua cruz, participemos também de sua
ressurreição e de sua vida.

5 ORAÇÃO

S. Deus eterno e todo-poderoso, abençoi
estes ramos para que, seguindo com alegria
o Cristo nosso Rei, cheguemos por ele à
eterna Jerusalém. Por nosso Senhor Jesus
Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito
Santo. **P. Amém!**

6 LEITURA DO EVANGELHO

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.
P. Glória a vós, Senhor!
S. "Os discípulos subiam a Jerusalém e Jesus
ia na frente. Quando chegaram a Betfagé e
Betânia, perto do monte chamado das Oli-
veiras, Jesus disse a dois de seus discípulos:
'Vão ao povoado que está em frente. Ao
entrar, encontrarão um burrinho amarrado,
que ninguém ainda montou. Desatem-no e
tragam. Se lhes perguntarem por que vocês
estão levando, respondam que o Senhor pre-
cisa dele'. Os dois foram e encontraram tudo
como Jesus havia dito. Quando estavam des-
samarando o burrinho, chegaram os donos
e perguntaram: 'Por que vocês estão desma-
rrendo o burrinho?' Eles responderam: 'O

Senhor precisa dele'. Levaram então o burri-
nho a Jesus e, botando suas capas em cima,
fizeram-no montar. À medida que avançavam,
o pessoal estendia os mantos pelo caminho.
Ao chegarem próximo à descida do monte
das Oliveiras, começou a multidão dos dis-
cípulos a louvar alegremente a Deus, em alta
voz, por todas as maravilhas que tinham visto.
E diziam: 'Bendito seja o Rei que vem em
nome do Senhor! Paz na terra e hosana nas
alturas!' Alguns fariseus que estavam no
meio da multidão disseram-lhe: 'Mestre, re-
preende teus discípulos!' Mas ele respondeu:
'Eu digo a vocês que, se eles se calarem,
até as pedras clamarão'. — Palavra da Sal-
vação. — **P. Louvor a vós, ó Cristo!**

PROCISSÃO DE RAMOS (durante a qual
cantam-se cantos apropriados).

MISSA DA PAIXÃO

7 SENTIDO DA MISSA

C. Nas leituras da missa de hoje, Isaías, Pau-
lo e Lucas falam dos sofrimentos do Salva-
dor, "feito obediente até a morte". Os dois
primeiros terminam assegurando a vitória fi-
nal: "O Senhor veio em meu auxílio", "Deus
o exaltou" e "Jesus é o Senhor". Hoje os
judeus gritam: "Hosana!" Amanhã: "Cruci-
fica-o!" Triste inconstância! Sejamos perseve-
rantes no seguimento de Cristo! Na Euca-
ristia, oferecemos ao Pai o sacrifício de Cristo,
que consistiu em aceitar a morte por obe-
diência, para salvar a humanidade. Nossa
Eucaristia será sincera, se tivermos um amor
ao Pai e aos irmãos, semelhante ao amor de
Cristo e capaz de assumir a cruz, inerente
à prática deste amor.

8 COLETA

S. Deus eterno e todo-poderoso, para dar
aos homens um exemplo de humildade, qui-
sestes que nosso Salvador se fizesse homem
e morresse na cruz. Concedei-nos aprender
o ensinamento da sua paixão e ressuscitar com
ele em sua glória. Por nosso Senhor Jesus
Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito
Santo. **P. Amém!**

LITURGIA DA PALAVRA

9 PRIMEIRA LEITURA



C. A primeira leitura é tirada do
Profeta Isaías, cap. 50, versos 4 a 7.
O texto é hoje referido ao Cristo
sofredor, mas aplica-se também a todos os
que sofrem, para que encontrem em Deus o
único sentido do sofrimento e da morte.

L. "O Senhor Deus me concedeu poder fa-
lar como seu discípulo. E pôs em minha
boca as palavras para reconfortar o que está
abatido. Cada manhã ele me desperta, para
que eu o escute como discípulo. O Senhor
Deus me abriu os ouvidos e não relutei nem
me esquivei. Aos que me feriam apresentei
as costas, ofereci a face aos que me arran-
cavam a barba e não desviei meu rosto aos
ultrajes e escarros. Mas o Senhor Deus vem
em meu auxílio, eis por que não me senti
humilhado. Por isso tornei meu rosto duro
como pedra e sei que não serei desaponta-
do, pois perto está aquele que faz a justiça".
— Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

10 CANTO DE MEDITAÇÃO

Bem-aventurados são os mansos / pois a terra
de Deus herdarão! (Recita-se o salmo do dia).

11 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da epístola aos
Filipenses, capítulo 2, versos 6 a 11. S. Paulo
nos diz que Cristo assumiu a condição hu-
mana em toda a dimensão e marcou o rumo
da história: viver em nível humano é liber-
tar-se de tudo aquilo que leva à morte e
estraga a vida.

L. "Jesus Cristo, que era de condição di-
vina, não reteve ciosamente para si a igual-
dade com Deus. Ao contrário, aniquilou-se
a si mesmo e tomando a condição de escravo
chegou a ser semelhante aos homens. Sendo
reconhecido como homem, humilhou-se tor-
nando-se obediente até a morte e morte na
cruz. Por isso Deus o exaltou e lhe deu um
nome que está acima de qualquer outro nome.
Para que, ao nome de Jesus, todos se ajoelhem
nos céus, na terra e entre os mortos. E toda
língua proclame que Cristo Jesus é o Se-
nhor, para a glória de Deus Pai". — Palavra
do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

12 CANTO DE ACLAMAÇÃO

Salve, Cristo, Palavra da vida, / o Evangelho
que vens anunciar / é fermento, é luz, é
semente / que na terra vai logo brotar!


13 TERCEIRA LEITURA

C. Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo se-
gundo Lucas (cap. 23, v. 1-49): Escutando
o relato da prisão, das torturas e do assassi-
nato de Jesus, lembremo-nos dele e também
de todos os filhos de Deus que, hoje como
sempre, são presos, torturados e assassinados.

C. "Toda a assembléia se levantou e levaram
Jesus a Pilatos. Ai começaram a acusá-lo di-
zendo: / P. "Temos provas de que este
homem agita o povo. Diz que não é preciso
pagar imposto a César e se faz passar pelo
Cristo Rei". / C. Pilatos interrogou-o nestes
termos: / L. "Tu és o rei dos judeus?" /
C. Jesus lhe respondeu: / S. "Assim é, como
você está dizendo". / C. Pilatos disse aos
chefes dos sacerdotes e à multidão: / L. "Não
vejo crime algum neste homem". / C. Mas
eles insistiram: / P. "Ele está levantando o
povo e subvertendo por toda a Judéia. Co-
meçou pela Galiléia e chegou até aqui". / C.
Pilatos perguntou então se o homem era ga-
lileu. Quando soube que Jesus era da pro-
víncia confiada ao rei Herodes, remeteu Jesus
a Herodes, o qual por esses dias se encon-
trava também em Jerusalém. Ao ver Jesus,
Herodes ficou muito satisfeito, pois há ba-
tante tempo desejava vê-lo, por causa do que
dele escutara; e também porque esperava que
Jesus fizesse algum milagre em sua presença.
Por isso, lhe fez muitas perguntas, mas Jesus
não lhe respondeu nada. Enquanto isso, os
chefes dos sacerdotes e os mestres da Lei
estavam presentes e não se cansavam de
acusá-lo. Herodes, com sua guarda, o tratou
com desprezo. E de gozação pôs nos ombros
dele um manto branco e o enviou de volta
a Pilatos. Nesse mesmo dia, Pilatos e Herodes,
de inimigos que eram, se tornaram ami-
gos. Pilatos reuniu os chefes dos sacerdotes,
os líderes judeus e o povo e lhes falou:
L. "Vocês me apresentaram este homem
acusando-o de agitador. Eu o interroguéi per-
soalmente diante de vocês, mas não o achei
culpado de nenhum dos crimes de que vocês
o acusam. Herodes também não o achou
culpado, posto que me mandou o homem
de volta. Como vocês vêem, em tudo o que
esse homem fez não há crime algum que
mereça a morte. Desta forma, depois de ca-
tigá-lo, soltá-lo-ei". / C. Mas eles começaram
a gritar todos juntos: / P. "Manda matar
este homem e liberta Barrabás!" / C. Este

Barrabás havia sido encarcerado por assassinato, num distúrbio sucedido em Jerusalém. Pilatos, que queria soltar Jesus, lhes dirigiu novamente a palavra: Mas eles gritaram: / P. "Crucifica-o! Crucifica-o!" / C. Pela terceira vez lhes disse: / L. "Mas que crime cometeu este homem? Nada acho nele que mereça a morte, por isso, após castigá-lo, deixá-lo-ei livre". / C. Mas eles insistiam em altos brados, pedindo que Jesus fosse crucificado e o clamor aumentava cada vez mais. Então Pilatos pronunciou a sentença que eles reclamavam. Por ela, soltou o preso que era um agitador e assassino, conforme eles mesmos exigiram, e deixou que tratassem Jesus como estavam querendo. Quando o estavam levando, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus. Muita gente o seguia, especialmente mulheres, as quais batiam no peito e se lamentavam por causa dele. Jesus voltou-se para elas e disse: / S. "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, chorem por vocês mesmas e pelos seus filhos. Porque vai chegar o dia em que se dirá: 'Felizes as mães sem filhos, felizes as mulheres que não deram à luz e não amamentaram. Então se dirá: Montes, caíam sobre nós! Colinas, nos escondam! Porque se assim trataram a árvore verde, o que farão com a árvore seca?' / C. Junto com Jesus, levaram também dois malfetores para serem executados. Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram Jesus e os malfetores, um à sua direita e outro à sua esquerda. Mas Jesus disse: / S. "Pai, perdoa, porque eles não sabem o que estão fazendo". / C. Depois repartiram as suas roupas, jogando a sorte. O pessoal estava por lá olhando. Os chefes, de sua parte, diziam agora sarcasticamente: / L. Já que salvou os outros, que agora salve a si mesmo, para ver se é o Cristo escolhido de Deus". / C. Os soldados também faziam troça e ofereciam-lhe do seu vinho dizendo: / P. Se és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo". / C. Havia no alto da cruz um letrado, escrito em letras gregas, latinas e hebraicas, que dizia: "Este é o rei dos judeus". Um dos malfetores crucificado insultou-o dizendo: / L. "É assim que você é o Cristo? Então salve-se a si mesmo e a nós também". / C. Mas o outro o repreendeu dizendo: / L. "Não temes a Deus, tu que estás no mesmo suplício? Nós merecemos e estamos pagando por nossos crimes. Mas esse aí não praticou mal nenhum". / C. E acrescentou: / L. "Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu reino". / C. Jesus respondeu: / S. "Em verdade te digo, hoje ainda estarás comigo no paraíso". / C. Já era quase meio-dia e as trevas cobriram toda a região até as três da tarde. Neste momento, a cortina do templo se rasgou no meio e Jesus gritou em alta voz: / S. Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". / C. E ao dizer estas palavras expirou. (Aqui se faz uma pausa e se ajoelha). / C. O centurião, ao ver o que se tinha passado, começou a louvar a Deus dizendo: / L. "Realmente este homem era um justo". / C. E todo o pessoal que se havia juntado para assistir ao espetáculo, ao ver o que acontecia, começou a bater-se no peito. Os conhecidos de Jesus e as mulheres que o acompanhavam desde a Galiléia se mantinham à distância, observando o que se passava".

14 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra...

* 15 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Principiando a solene celebração da Páscoa de nosso Senhor Jesus Cristo, apresentamos ao Pai as precisões de nossa comunidade,

e peçamos principalmente coragem interior de sermos coerentes com nossa fé, como Cristo o foi com a Boa-Nova que ele ensinou:

C. 1. Por toda a Igreja universal, para que ela seja, na pureza e na alegria, a testemunha da vitória da Vida sobre a morte, rezemos ao Senhor.

2. Para que a meditação nos acontecimentos finais da vida de Cristo nos leve a sentir o entusiasmo que ele sentiu pelo Reino de Deus, rezemos ao Senhor.

3. Para que nossa comunidade celebre, com muita devoção, a Semana Santa e chegue, com muita alegria, ao entusiasmo pela vitória da Vida sobre a morte, rezemos ao Senhor.

4. Para que nós cristãos sejamos defensores intransigentes da vida e protestemos sempre contra tudo aquilo que estraga a vida e a torna incompleta, rezemos ao Senhor.


5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, escutai nossos pedidos, olhai nossa boa vontade e ajudai-nos a amar e defender a vida, tanto como a amou e defendeu vosso Filho Jesus Cristo, que se imolou por nós, a fim de que todos tivéssemos as condições de vivermos vossa dignidade. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

16 CANTO DAS OFERTAS

 Ó Pai, te agradecemos pelo vinho e pelo pão / são frutos do trabalho e da riqueza deste chão!

1. Neste altar apresentamos o lamento / das famílias despejadas do seu chão / tanta fome, desemprego e sofrimento / gerados pelo luxo e ambição.

2. Que esta mesa seja exemplo de partilha / onde a vida é celebrada em comunhão / nesta mesa somos uma só família / que se trate com justiça todo irmão!

16b (NA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA)

A — Todo o mundo fiel rejubile / na alegria de tal salvação: / destruindo a potência da morte / Jesus Cristo nos traz Redenção.

B — De oliveira com ramos e palmas / todo o povo com voz triunfal / canta hosanas ao Rei de Israel / de Davi descendente real.

A — Nós também, acorrendo ao encontro, / de tal Rei com hosanas de glória / seguremos na mão nossas palmas / de alegria e de fé na vitória.

B — Por seus dons, nos caminhos da vida / nos conduza e defenda o Senhor / e possamos, em todos os tempos, / tributar-lhe o devido louvor.


A — Glória ao Pai e a Jesus, Filho Único, / Deus de Deus, Luz da Luz, sumo Bem / com o Espírito, o Amor que consola / pelos séculos dos séculos. Amém.

17 ORAÇÃO DAS OFERTAS

S. Ó Deus, pela Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, sejamos reconciliados convosco; ajudados pela vossa misericórdia, alcancemos, pelo sacrifício de vosso Filho, o perdão que não merecemos por nossas obras. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

18 PREFÁCIO (próprio)


19 ORAÇÃO EUCARÍSTICA

 (A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

20 CANTO DA COMUNHÃO

 Este pão que nos dá vida é apelo ao compromisso / é o Senhor quem nos convida pra vivermos a serviço.

1. Nossa terra que lavramos, faz de nós um povo irmão / pois do trigo que plantamos, repartimos hoje o pão.

2. Jesus Cristo é a imagem de quem morre pelo irmão / este pão nos dá coragem de viver em doação.


3. Quem divide a sua terra, vive a vida em comunhão / quem aos bens se prende e aferra, tem fechado o coração.

4. Terra boa semeada dá seu fruto cem por um / vamos juntos na jornada, sem deixar irmão algum.

5. Nossa terra é dom divino, nossa herança e nosso bem / quem explora o pequenino, ao Senhor rouba também.

6. Repartindo o mesmo pão, nesta Ceia do amor / partilhemos nosso chão, pois a terra é do Senhor!

21 AÇÃO DE GRAÇAS

 S. Alimentados pelo vosso Sacramento, nós vos pedimos, ó Deus: pela morte do vosso Filho, nos concedestes esperar aquilo que cremos; dai-nos, pela sua ressurreição, alcançar aquilo que buscamos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

* 22 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Esta semana, vamos viver os acontecimentos máximos: máximos na vida de Cristo, máximos na história dos homens, máximos para a vida de cada um. Páscoa é a única fonte de sentido para a vida humana. Se a morte é absoluta, nossos valores e alegrias seriam disfarce ou esquecimento do que é a trágica verdade central. Até ela, caminhava a vida humana, mas, após a Páscoa de Cristo, os contornos se alargaram de forma infinita. A vida não é mais limitada pela morte: a eternidade é o limite. Consequência: os valores que pesam são os eternos. Por isso, não adianta dar valor absoluto ao que não tem valor eterno e organizar o mundo em função de valores efêmeros. Mais dia, menos dia, vamos deixá-los. Outra consequência: Deus é o Deus da vida, é o Deus que exige que a vida seja respeitada. É o Deus que não admite que a vida seja monopólio de alguns, mas condição exigida pela dignidade de todos os homens. Por isso, pecado é estragar a vida, é diminuir a vida, é tirar a vida, é cooperar para que haja menos vida, é batalhar no lado daqueles que espalham a morte e a vida insuficiente.

23 CANTO FINAL

24 BÊNÇÃO FINAL

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Is 42,1-7; Jo 12,1-11. / 3ª-feira: Is 49,1-6; Jo 13,21-33.36-38. / 4ª-feira: Is 50,4-9a; Mt 26,14-25. / 5ª-feira: Is 61,1-3a.6a.8b-9; Lc 4,16-21. / 6ª-feira: Is 52,13-53; Hb 4,14-16; 5,7-9; Jo 18,1-19,42. / Domingo: At 10,34a.37-43; Cl 3,1-4; Jo 20,1-9 ou, na vespertina, Lc 24,13-35.

REINO DE DEUS, BEM-AVENTURANÇA DOS POBRES

"A poderosa e quase irresistível aspiração dos povos à libertação constitui um dos principais sinais dos tempos, que a igreja deve perscrutar e interpretar à luz do Evangelho. Este fenômeno marcante de nossa época tem uma amplitude universal, manifesta-se porém em formas e graus diferentes, conforme os povos. É sobretudo entre os povos que experimentam o peso da miséria e entre as camadas deserdadas que esta aspiração se exprime com mais força e vigor" (*Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação IV,1*).

A libertação é, pois, uma aspiração de todos, mas ela é mais forte e decidida onde a opressão é maior, entre os povos do Terceiro Mundo e, ali, entre os mais pobres e lascados. É, pois, no coração dos pobres do Terceiro Mundo que Deus e seu Espírito fazem desabrochar os caminhos da libertação. Além disso, nenhum teólogo deveria "esquecer, por um só instante, as situações de dramática miséria de onde brota a interpelação assim lançada aos teólogos" (*Instrução LV,1*).

Foram feitos também reparos à Teologia da Libertação: Não correria o risco de acentuar a libertação das opressões econômicas, sociais e políticas, e esquecer a libertação do mal que está no coração de cada um de nós? A luta pelo Reino da justiça e paz, aqui e agora, não poderia esquecer que, aqui na

terra, alcançamos as primícias do Reino e não toda a sua plenitude? Ao analisar a realidade com as ferramentas das ciências sociais, não poderia esquecer os limites e deformações que o uso destas ferramentas podem trazer? Ao endurecer-se, na necessária luta contra as opressões e os opressores, não podia o coração fechar-se à misericórdia e ao perdão?

Roma sabia que, ao indicar alguns riscos e desvios, podia criar dúvidas e desânimo, e ainda dar corda para aqueles que estão contra as lutas dos pobres, pelos seus direitos e pela vida. Por isso termina o seu documento dizendo: "Chamar a atenção para os graves desvios que algumas 'teologias da libertação' trazem consigo não deve, de modo algum, ser interpretado como uma aprovação, ainda que indireta, aos que contribuem para a manutenção da miséria dos povos, aos que dela se aproveitam, aos que se acomodam ou aos que ficam indiferentes perante esta miséria. A igreja, guiada pelo Evangelho de Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças" (*Instrução XI,1*).

Infelizmente, os que há muito tempo se opunham à Teologia da Libertação aproveitaram-se da ocasião para fazer grandes ataques à teologia e às comunidades, dizendo que a Igreja estava contra a Teologia da

Libertação. Para agravar esse clima, houve no Peru um processo feito à teologia do padre Gustavo Gutiérrez e, no Brasil, o processo contra o frei Leonardo Boff. Isso comoveu muita gente e, de toda a igreja do Brasil, foram escritas cartas a Roma, a respeito do trabalho e da teologia de frei Leonardo. O cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e o cardeal de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, acompanharam frei Leonardo até Roma.

Meses depois, porém, veio a resposta de Roma, chamando a atenção de frei Leonardo sobre alguns pontos de seus escritos que precisavam ser reformulados. Ele aceitou esse pedido. Um mês depois, porém, ele foi convidado a guardar silêncio durante um certo tempo, deixando de pregar, de escrever, de falar para o rádio e a televisão.

Essas medidas ataçaram mais os que não queriam ver a igreja comprometida com os pobres. Ao ser apontada, no meio da mata, uma árvore que precisa de cuidados, já querem derrubar toda a mata, esquecendo-se da solene afirmação da igreja: "É à luz das bem-aventuranças, da bem-aventurança dos pobres de coração, em primeiro lugar, que a Igreja quer ser, no mundo inteiro, a Igreja dos pobres, quer servir à nobre causa da verdade e da justiça" (*Instrução XI,5*).

EM TORNO DA LITURGIA

VINTE ANOS DEPOIS DO CONCÍLIO

Vinte anos depois de concluído, o Vaticano II pode ser analisado como o maior acontecimento eclesial no século XX. Sem qualquer concessão ao espírito do mundo, mas numa afirmação total da doutrina revelada, o Concílio soube tirar do tesouro inesgotável da Igreja "coisas novas e coisas velhas", para o bem do Povo de Deus.

Temos, hoje, o dever de agradecer aos Padres Conciliares a coragem humilde e respeitosa com que se aproximaram da Liturgia, imutável e rígida, e tiraram da própria essência do Mistério Pascal as razões e as sugestões para as necessárias mudanças e adaptações litúrgicas. Nada se sacrificou de essencial. O mistério ficou intacto. Toda a grandeza e sublimidade da Liturgia tornou-se mais transparente pela simplificação de muitos textos, de muitos ritos, de muitas cerimônias. Ao contrário do que lamentavam certos grupos integristas, o Vaticano II (na Constituição SC e na legislação complementar da S. Sé) não se abriu para o mundo naquilo que o mundo tem de contrário ao Reino de Deus, não teve nenhuma tentação de trair Jesus Cristo por inovações heréticas e suspeitas de heresia.

O Vaticano II soube cumprir sua missão: começou precisamente por onde devia começar — pela Liturgia, ponto alto da vida da Igreja.

Embora conservando estruturas fixas, a reforma litúrgica permitiu várias alternativas (algumas entregues à criatividade do celebrante) e deixou algumas "brechas", que podem ser bem aproveitadas no sentido da participação dinâmica e atuosa do Povo de Deus. Dentro das normas oficiais, é possível imprimir à Celebração Eucarística um traço de "familiaridade", de espírito de família, de celebração da família dos filhos de Deus que contribui para o estreitamento do amor fraterno e para o aprofundamento da dimensão familiar que marca todo o Evangelho e toda a evangelização. (A.H.)

INSPETOR, NÃO ESTÁS LONGE DO REINO

A crônica saiu na *Tribuna da Imprensa*, assinada por Mário de Moraes. A estória é verdadeira. A gente transcreve com duas intenções: nos lugares mais imprevisíveis, longe das igrejas, encontramos provas da dimensão universal do Reino de Deus, através da bondade humana; depois, a gente quer mostrar que a Folha não fica só malhando. Se o botão do Reino desabrocha na Delegacia, tanto mais vamos valorizá-lo. Vamos à crônica: "Antes de chegar à Seção de Roubos e Furtos do antigo 2º Distrito Policial, em Copacabana, o inspetor Nilo de Oliveira passou em frente ao xadrez de mulheres. Decaídas, ladras, assassinas, deitadas pelo chão, na maior promiscuidade, aguardavam remoção para a penitenciária. O inspetor viera a chamado do comissário José Lúcio, para resolver um caso de furto. Havia se apossado dos anéis de brilhantes de uma senhora de importante sobrenome, e esta acusava duas jovens vendedoras de uma loja próxima.

Um bando de colegas das moças e muitos curiosos aglomeravam-se à porta da delegacia, aguardando os acontecimentos. Assim que chegou à seção que chefiava, Nilo de Oliveira tratou de ouvir a vítima. A mulher contou-lhe que entrara num magazine, naquela mesma rua, para comprar meias. Ao examiná-las, retirara os anéis dos dedos. Escolhido o artigo, comprara um par e só na rua dera por falta das jóias. Regressara apressadamente, mas os anéis tinham sumido de cima do balcão. Como a demora fora pouca entre sair e voltar, somente as duas vendedoras poderiam ter furtado as jóias.

Num canto da sala, duas mocinhas choramingavam protestando inocência, em frases entrecortadas de soluços. O inspetor resolveu interrogá-las. Mas, para isso, pediu que as demais pessoas se retirassem da sala. O interrogatório, a portas fechadas, demorou apenas alguns minutos. Findos os quais, Nilo de Oliveira apareceu, anunciando que ia dar uma espiada no local do furto. Contra a vontade do gerente do magazine, que informava ter revistado a loja de ponta a ponta, sem nenhum resultado.

Não foi fácil chegar ao balcão das meias, pois o bloco de curiosos não queria perder

um só movimento do policial. Auxiliado por um investigador, Nilo de Oliveira passou a examinar caixa por caixa, balançando-as, na esperança de que os anéis tivessem caído dentro de alguma delas. Lá para a quadragésima, ouviu um barulhinho característico. Aberta a caixa, foi comprovada sua teoria: no fundo da mesma, misturadas com as meias, estavam as jóias desaparecidas.

A dona dos anéis quase teve um colapso. E foi chorando, tremendamente arrependida, que ela pediu perdão às duas balconistas. Chegando mesmo a oferecer-lhes dinheiro para passarem melhor o Natal, já que faltavam apenas dois dias para a festa máxima da cristandade.

Esta foi a reportagem publicada na época, em vários jornais cariocas. Mais de 20 anos são passados e só agora é contada, pela primeira vez, a verdadeira versão do caso. Voltamos à sala do inspetor Nilo de Oliveira, justo quando ele interrogava as duas vendedoras. Frente ao experimentado policial, que lhes falava de forma persuasiva, não tendo mais ninguém por testemunha, as pequenas terminaram confessando. Deslumbradas com as valiosas jóias, num instante de irreflexão, tinham furtado os anéis da madame. Depois, com medo, haviam negado. Nilo de Oliveira pediu-lhes os anéis de volta. Uma delas retirou-os do porta-seios, entregando-os ao policial.

E foi neste exato momento que a imagem do xadrez de mulheres voltou à mente do inspetor. Só que, desta vez, no meio das detentas, Nilo de Oliveira imaginou as duas vendedoras de 18 anos. A solução humana não poderia ser aquela. Por isso, o inspetor explicou às mocinhas que ia livrá-las da cadeia, mas que elas deviam esquecer o que havia acontecido, prometendo-lhe nunca mais repetir a triste façanha.

A seguir, foi à loja, em companhia de um investigador de inteira confiança. No caminho passou-lhe os anéis, pedindo-lhe que os escondesse discretamente numa das caixas de meias. Onde terminou por "encontrá-las". Hoje aquelas duas mocinhas são senhoras bem casadas e felizes, esquecidas totalmente daquele 23 de dezembro em Copacabana. (F.L.T.)